

Casas Açorianas debate Turismo na ilha de São Jorge até Domingo

“Os empresários privados devem tomar conta da Associação de Turismo dos Açores” defendeu Duarte Ponte em São Jorge

José Pacheco de Almeida, de 86 anos, e Duarte Ponte, de 71, ambos, ex-secretários regionais, foram homenageados pelas Casas Açorianas no Auditório da Calheta de São Jorge pelo trabalho pioneiro que desenvolveram em prol do turismo açoriano. Duarte Ponte manifestou a opinião de que a Associação de Turismo dos Açores deve ser dirigida pelos empresários do sector” e não pelo Governo açoriano.

O problema dos Açores em relação ao turismo está relacionado com a sazonalidade, não tão acentuada como se verificava no século passado, antes da liberalização do espaço aéreo, mas ainda assim um entrave ao desenvolvimento económico e social na chamada época baixa – porque a alta já se vende sozinha – principalmente para quem vive de empreendimentos ligados ao turismo em espaço rural e em ilhas com menor dimensão. Entre muitas ideias, esta é transversal ao debate que se faz em São Jorge até domingo, dia 16, no Encontro das Casas Açorianas – Associação de Turismo em Espaço Rural.

Em São Jorge, as duas autarquias – Velas (terra do queijo) e Calheta (terra das fajãs) – trabalham em conjunto para dinamizar os concelhos e a ilha, concentrando sinergias para que os turistas tenham experiências únicas e momentos de felicidade em época de férias e de lazer, aproveitando as belas paisagens, a hospitalidade local, a boa gastronomia, e levando consigo emoções e vivências, mas também os produtos locais e o artesanato.

O presidente das Velas de São Jorge, Luís Silveira, entende que no turismo há segredos de várias gerações que têm de ser preservados, mas também há que seleccionar o turismo que temos. “O trabalho que as Casas Açorianas têm desempenhado é fundamental” nesta seleção. O turismo é muito importante para uma região como os Açores e, em particular, para a ilha de São Jorge, pois, como sublinha o autarca, “Velas acarinha o turismo” porque permite “haver mais pessoas a consumir e a levar artesanato, logo mais economia”. E, por isso, entende que “não podemos ver o turismo como algo que nos incomoda. Quem nos visita traz valor acrescentado. Não queremos turismo de massas, mas um turismo que deixe menos pegada ambiental e mais valor acrescentado”.

Luís Silveira defende a necessidade de haver um trabalho conjunto entre privado e público para “concentrar sinergias e diminuir a sazonalidade. A época alta está vendida, mas a baixa não. O caminho é longo e há muito trabalho a fazer”.

O autarca velense anunciou a intenção de construir um centro de bem-estar com SPA para que os turistas que façam trilhos e caminhadas debaixo de chuva e vento possam depois relaxar. Assim, diz, é possível captar turismo no inverno, defendendo também que os empreendimentos turísticos têm de oferecer boas condições porque quem faz percursos com um tempo agreste, quando chega ao fim do dia, precisa de boas acomodações e com conforto.

Já Décio Pereira, presidente da Câmara Municipal da Calheta, fez questão de destacar o



Associação de Turismo em Espaço Rural homenageou José Pacheco de Almeida e Duarte Ponte

facto de ter nascido numa Casa Açoriana numa terra de músicos e de gente que tanto ordenha as vacas como vai a seguir apanhar lapas para comer. Também é terra de inhames e de Espírito Santo. Tudo isso para aludir ao facto de que é nesta pluralidade que se faz a identidade, ao mesmo tempo que realça o facto de ser educação e cidadania. Isto é, “tem de haver cuidado em falar da nossa identidade porque quando temos um aumento das áreas marinhas protegidas não nos podemos esquecer daqueles que trabalham e que precisam, respeitando sempre o desenvolvimento das espécies e dos lugares – e quem não cumprir deve ser autuado” – mas o que não se pode fazer, na perspectiva de Décio Pereira, “é pagar para não trabalhar”. Manter a identidade é fundamental para o desenvolvimento da sociedade e da sua economia, realça.

Ontem, as Casas Açorianas também homenagearam José Pacheco de Almeida, de 86 anos, e Duarte Ponte, de 71, ambos ex-secretários regionais, pelo trabalho pioneiro que desenvolveram em prol do turismo açoriano. José Pacheco de Almeida (PSD) agradeceu o tributo e destacou o facto de ter dado o seu melhor enquanto titular da pasta do turismo, o primeiro secretário regional da área, para um maior desenvolvimento de todas as ilhas e melhores benefícios para todos os açorianos.

Já Duarte Ponte (PS), que foi secretário da Economia com a tutela do Turismo, lembrou

que foi no exercício das suas funções que se acabou com o monopólio da TAP, que se estabeleceram as tarifas aéreas de e para o continente com valores mais baixos e em igualdade de circunstâncias para Ponta Delgada, Angra e Horta, e se realizou a 1.ª Bial de Turismo do Atlântico.

Lembrou também que foi a partir de 1996 que houve um maior incremento da construção hoteleira – destacou o papel da iniciativa privada – e um aumento do número de camas, mas que também houve uma grande aposta na promoção, principalmente no mercado americano, onde a SATA passou a operar com maior regularidade a partir de Boston. A captação de fluxo turístico não teve os resultados iniciais esperados, mas foram dados passos importantes para a dinamização e promoção da região.

Duarte Ponte destacou a necessidade de a região ter um Plano de Ordenamento do Turismo, que não tem, porque “sem isso podemos matar a galinha dos ovos de ouro. Podemos mesmo ter complicações no futuro”.

Entende o ex-governante que o setor do Turismo tem de aproveitar as franjas das épocas baixas. “A sazonalidade existe em todo o mundo e os Açores não são exceção. Muito foi feito, mas muito falta fazer”.

Duarte Ponte é também de opinião de que “os empresários privados devem tomar conta da Associação de Turismo dos Açores”, antiga

ATA que agora se chama VisitAzores, que hoje está nas mãos do Governo açoriano.

Preservar as nossas identidades

Luís Capdeville Botelho, presidente do conselho de administração da VisitAzores, no debate “Chegados aqui como pautar o futuro”, moderado por José Luís Elias, defendeu que as Casas Açorianas são importantes para “preservar as nossas raízes e as nossas identidades”, defendendo que há que “continuar a apostar no serviço prestado e nas boas condições oferecidas” porque quem procura este nicho de mercado “pretende também ter um contacto direto com as populações. As casas de turismo em espaço rural são um dos primeiros pilares da identidade açoriana na sua hospitalidade”, disse.

Atilio Forte, consultor de turismo, lembra que viajar hoje “já está democratizado, não é um luxo”, sendo, por isso, “necessário manter a oferta que os Açores têm e que têm sabido gerir” com destaque para “os empresários que têm sabido ser contidos nos ganhos para continuar a garantir o hoje e o amanhã. Isso também é sustentabilidade”, sublinhou.

Gilberto Vieira, presidente das Casas Açorianas, na sua alocação, lembrou que, quando iniciou o seu percurso “nesta aventura, acreditava plenamente que esse seria o futuro do turismo nos Açores. Não só pela minha convicção, mas por, na minha função de agente de viagens até então, ser confrontado por inúmeros dos poucos turistas que visitavam os Açores e, em particular, a ilha Terceira sobre a existência de alojamentos, espaços gastronómicos e de convívio espontâneo com pacatas e interessadas populações que tornariam a experiência de uma permanência nas ilhas inolvidável.

Percebi o potencial, arrisquei, mas tive logo a noção de que uma gota não faz o oceano. Por isso, não tive dúvidas em perceber que todo esse potencial estava espalhado por todas as ilhas e que era necessário encontrar gente, em todas elas, que acreditasse que este era o caminho para uma oferta diferenciada, com poder de atração por pessoas interessadas em experiências únicas”. Gilberto Vieira, que é também proprietário da Quinta do Martelo, na ilha Terceira, recordou que “levou algum tempo até assimilar algumas sinergias, poucas devo dizer, mas verdadeiramente empenhadas. A esses, chamo, sem qualquer pejo, os pioneiros do turismo rural e de natureza nos Açores.

Felizmente, esses exemplos frutificaram, e muita gente foi aparecendo com novos e inovadores projetos (...) até agora mantivemos um rumo. Não isento de percalços, alguns erros, mas no essencial o objetivo e a paixão que nos move”, disse.

Nélia Câmara (São Jorge)